

# Cinema e diversidade cultural: a representação dos grupos minoritários no Canadá<sup>1</sup>

*Maria Luiza Martins de Mendonça*

*Recebido 10, set. 2010 / Aprovado 7, jan. 2011*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão da possível eficácia e/ou dificuldades de implementação das políticas oficiais de multi e interculturalismo no Canadá. Considera-se que os estudos da cultura são um bom ponto de partida para verificar como acontecem esses processos de inclusão/exclusão social, uma vez que a o próprio conceito de interculturalismo pressupõe o compartilhamento de experiências culturais diversificadas. As produções culturais são concebidas, aqui, como processos complexos, que não podem ser dissociados das relações de poder de uma dada sociedade e cuja incidência sobre o público vai além da recepção imediata, para atuar como um dos referenciais simbólicos mais importantes das sociedades contemporâneas. Para cumprir o objetivo proposto, foram analisados os filmes *Generation 101*, de Claude Godbout; *Adoration*, de Athom Egoyan; e *Heaven on Earth*, de Deepa Mehta.<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** sociedade canadense; produção cultural; minorias étnicas.

## Introdução

É na esfera da produção cultural que circulam os diferentes discursos que vão construir subjetividades e orientar os indivíduos na tomada de consciência de suas reais condições de vida. E é também nesse campo que se desenrola parte de uma luta política, fruto de um processo cultural e histórico para a fixação dos sentidos em uma dada sociedade, e no qual a produção dos media adquire importância cada vez maior. Essa experiência subjetiva ocorre de forma particular – individual ou coletivamente – em cada tempo e lugar e está vinculada às condições de produção da existência, tanto no aspecto material quanto imaterial e não pode ser concebida fora da produção cultural. A subjetividade não é, portanto, centrada no indivíduo; é um processo social em que estão presentes, além das falas oficiais, hegemônicas,

os espaços independentes de articulação e de circulação de discursos dissidentes ou alternativos.

Essas características fazem com que as análises das produções culturais não possam ser dissociadas das relações de poder existentes nas sociedades, poder que não se verifica apenas no sentido político estrito do termo, mas que se estende às relações entre classes, de gênero, étnicas e outras. Neste sentido, o referencial proposto vale-se da definição de poder simbólico concebido por Bourdieu (2001, p. 15), que o entende “como o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo”. Dessa forma, para compreender as efetivas incidências das políticas públicas destinadas a promover o interculturalismo, é necessário partir de uma perspectiva multidisciplinar que consiga aliar a compreensão das políticas oficiais dos processos culturais, em particular os processos de representação simbólica.

Assim, para compreender um pouco melhor as formas como os grupos minoritários têm sido representados na cinematografia canadense, foram realizados estudos com três filmes da produção recente daquele país, todos exibidos em festivais locais de cinema. Foram feitas duas análises complementares entre si: a institucional, sobre o papel das instituições oficiais na implementação de políticas interculturais e a representação midiática de grupos “minoritários”, a partir da análise dos filmes *Génération 101*, de Claude Godbout, exibido no Festival des Films du Monde de Montreal; *Adoration*, de Athom Egoyan, e *Heaven on Earth*, de Deepa Mehta, estes dois últimos exibidos no Festival du Nouveau Cinema, realizado também em Montreal, em setembro/outubro de 2008. Estudos realizados anteriormente por esta autora (MENDONÇA, 2008) indicam que a participação em festivais assegura uma maior visibilidade ao filme, uma vez que esses eventos geram uma exposição midiática maior do que a divulgação regular, com as exceções cabíveis aos grandes lançamentos hollywoodianos, que utilizam diversas estratégias de *marketing* para atingir grandes plateias. Portanto, acredita-se que o critério de participação em festivais justifica a escolha.

## Diversidade cultural no Canadá

Não se tem notícia de país sem diversidade cultural, e isso é positivo, por ser culturalmente enriquecedor. O que pode se tornar problemático é fazer dessas

diversidades pretextos para o surgimento e a manutenção de hierarquias sociais, de desigualdades e discriminações de vários tipos, veladas ou não. No Canadá, os diferentes grupos minoritários possuem uma visibilidade peculiar: aparentemente, as questões relacionadas às demandas feministas, de idosos, de gênero e muitas outras parecem já estar resolvidas, uma vez que o foco das discussões, tanto na mídia quanto nos meios acadêmicos, recai com especial cuidado sobre os grupos étnicos. Talvez se possa compreender esse destaque às questões étnicas ao se dar conta de que o conjunto da população de origem francesa, majoritário no Quebec, é minoritário em relação ao próprio país, o que coloca em relevo a questão de se pertencer a uma minoria étnica e/ou cultural. Além desse fato, a sociedade canadense, e a quebequense em particular, se defronta cotidianamente com a manifestação, expressão e convivência com as diferenças, por conta de um movimento migratório intenso e de origem geográfica extremamente variada. Em função disso, existem vários mecanismos de intervenção estatal, em particular na área da cultura, destinados a instaurar políticas públicas que promovam a interculturalidade ou que, pelo menos, estimulem um intercâmbio e uma convivência intercultural harmoniosa.

O multiculturalismo como política de estado está inscrito na Constituição canadense desde 1971. Isso significa, minimamente, o reconhecimento oficial de que o Canadá é um país formado por indivíduos de diferentes origens geográficas, culturais, linguísticas, étnicas. Graças a uma política de imigração seletiva, o Estado canadense recebe, anualmente, cerca de 200 mil imigrantes de várias partes do mundo, o que faz com que as “minorias visíveis” sejam bastante perceptíveis naquela sociedade. Para assegurar a convivência harmônica proposta como ideal de Estado, um amplo conjunto de leis e de políticas é constantemente implementado e aperfeiçoado para permitir e assegurar as políticas estatais que garantem, formalmente, a não discriminação em razão da diversidade.<sup>3</sup>

Segundo o documento *Qu'est-ce que le multiculturalisme?*, disponível na página eletrônica do governo do Canadá,<sup>4</sup> multiculturalismo significa experimentar um

[...] sentimento de pertença. A aceitação dá aos canadenses um sentimento de segurança e confiança próprias que os tornam mais abertos às diversas culturas e mais tolerantes em relação a elas. A experiência canadense provou que o multiculturalismo encoraja a harmonia racial e étnica, assim

como a compreensão intercultural, e desencoraja a marginalização, o ódio, a discriminação e a violência [...] A diversidade vai além da língua, da pertença étnica, da raça e da religião para englobar características gerais tais como sexo, orientação sexual, capacidades físicas e intelectuais e a idade.<sup>5</sup>

Não há, entretanto, um sentido único de multiculturalismo, e sim experiências particulares. Se oficialmente se trata do reconhecimento legal de uma sociedade multiétnica, no cotidiano dos grupos minoritários o multiculturalismo significa, quase sempre, uma forma de segmentação social em que cada grupo ocupa o seu espaço sem colidir com os outros, mas mantendo-se as hierarquias de diversas ordens.

Esse multiculturalismo, que na província do Quebec se transforma em interculturalismo, tem o respaldo de um aparato jurídico-legal sobre instituições públicas e privadas. Existe, na província do Quebec, uma política denominada “acomodamento razoável”, que tem por objetivo mediar as diferenças culturais quando elas podem gerar conflitos culturais (ou religiosos, ou de qualquer outro tipo relacionado à diversidade). Este termo, “acomodamento razoável”, é originário da esfera jurídica associada ao trabalho e designa uma forma de arranjo ou de maleabilidade de regras e leis para respeitar o direito maior a um tratamento equitativo e combater a discriminação indireta que a aplicação estrita de uma regra poderia causar. A partir dessa experiência, a comissão estendeu para outras esferas da sociedade a prática de tais acomodamentos: escolas, hospitais, serviço público etc.

É interessante salientar que a província do Quebec se assume oficialmente como intercultural, isto é, adota políticas que vão além da tolerância e da aceitação da diferença proposta pelo multiculturalismo. Interculturalidade representa, nesse caso, um “sentimento” de solidariedade entre os habitantes do Quebec, de maneira a facilitar a mobilização de todos em momentos de crise. Convém lembrar, mais uma vez, que o Quebec se vê como uma minoria cultural e linguística em relação ao resto do país, que é anglófono. Essa dimensão integradora torna-se, então, importante para o estabelecimento de políticas interculturais destinadas a criar e consolidar identificações e laços de pertencimento, na medida em que os quebequenses de origem franco-canadense se consideram também como uma minoria etnocultural.<sup>6</sup> Para que haja esse sentimento de “solidariedade” do imigrante em relação à cultura e às políticas de interesse do Quebec, o governo provincial tem adotado medidas que visam inseri-lo na cultura francesa.

Recentemente (2008) foi publicado e divulgado na internet o relatório Bouchard-Taylor,<sup>7</sup> resultado do trabalho de uma comissão que estudou o potencial de conflito existente entre os imigrantes e os canadenses de origem francesa ou inglesa. Dele participaram cidadãos quebequeses, e algumas vozes imigrantes também puderam ser ouvidas, em especial as das comunidades mais organizadas e capazes de apresentar seus pontos de vista.

O relatório é um extenso documento que descreve alguns conflitos e situações que podem desencadeá-los – diferenças religiosas, culturais, de gênero, costumes sociais, entre outras – e propõe formas de evitá-los ou de solucioná-los visando promover uma convivência harmoniosa e pacífica entre os habitantes do Quebec. Para isso, avaliaram as experiências – ou as ausências – de práticas de “acomodamento razoável”, isto é, o ajuste das regras ou das leis para que sejam previstas exceções ou adaptações em situações particulares que envolvam indivíduos de origens diversas, de maneira a atenuar seus possíveis efeitos discriminatórios. “Além de proibir a discriminação, os tribunais pedem aos administradores e aos empregadores que procurem adotar medidas concretas que favoreçam a igualdade.” (BOUCHARD; TAYLOR, p. 25).

Em termos resumidos, o relatório define interculturalidade como a observância de alguns princípios, tais como: a aceitação das transformações recíprocas e inevitáveis que as interações entre cidadãos de diversas origens podem trazer para as formações culturais; a valorização de ações intercomunitárias; a luta contra os preconceitos e os estereótipos; a superação do temor ao Outro, e a amenização do preconceito anti-imigrante existente no Quebec (e no resto do país). Essas medidas, associadas ao afrancesamento linguístico dos imigrantes por meio de uma lei<sup>8</sup> que define o francês como a língua oficial do Quebec e que os imigrantes têm de aprender em lugar do inglês, cada vez mais popular, representam mais um relevante signo de identificação.

Pode-se argumentar, entretanto, que a própria existência da necessidade de um estudo tão amplo, com a proposição de medidas jurídicas para a conciliação de interesses, indica a existência de ao menos três fatos importantes: 1) a constatação de que há, sim, preconceito, discriminação e racismo na sociedade quebequense, sejam eles velados ou não; 2) que a imposição de uma política intercultural por parte do Estado aos cidadãos é inócua se não existir predisposição e abertura à convivência com as diferenças; 3) que a esfera da cultura (incluem-se aí os costumes

e as práticas religiosas, alimentares etc) é a instância em que se trava grande parte das disputas sociais, pois é nela que circulam as representações – e os estereótipos – de indivíduos e grupos sociais que vão influenciar as percepções construídas no imaginário desses grupos. É também nessa esfera da produção e da circulação de produtos simbólicos, imagens, representações e de embates ideológicos que se concentraram as observações sobre as quais interessa refletir neste trabalho.

Apesar de o relatório Bouchard-Taylor ser recente, as políticas que visam facilitar a inserção do imigrante na sociedade quebequense não são novas e há muito tempo algumas instituições de promoção cultural canadenses vêm desempenhando um papel crucial na diversificação da realização e dos circuitos de divulgação e circulação de produções culturais representantes de grupos minoritários. Existem as TVs “étnicas”, as rádios e os jornais comunitários, a Rádio Canadá, com produções específicas sobre questões raciais, e o eficiente e bem conceituado Office National du Film,<sup>9</sup> que financia a produção de filmes de ficção e documentários “independentes”, isto é, sem comprometimentos com o mercado e que privilegiem um olhar socialmente comprometido com os direitos humanos. Atualmente a ONF possui sete estúdios de filmagem<sup>10</sup> e produz 100 filmes por ano, a maioria documentários e filmes de animação.

Entre estes, ocupa espaço importante a produção autóctones, cuja distribuição é facilitada pelos canais públicos de televisão e pelo Aboriginal People’s TV Network (rede de televisão dos povos autóctones).

## **A representação de imigrantes no cinema canadense**

A partir das questões levantadas e à luz das políticas estatais para a implementação legal do multiculturalismo canadense e do interculturalismo quebequense e do papel da cultura nos processos de identificação, de diferenciação, enfim, de construção de imagens, serão avaliadas as formas de representar grupos étnicos minoritários, a partir da análise de três filmes.

1 – *Génération 101* (2008), documentário dirigido por Claude Godbout. Esse filme foi apresentado no Festival des Films du Monde, em Montreal, e versa sobre os 30 anos de existência da Lei 101 (ou a *Charte de la langue française*, que designa o francês como a língua oficial do Quebec e linguagem comum do trabalho, educação, comunicação e que prevê que seu aprendizado por parte dos imigrantes

possibilita-lhes a integração social). O filme não toma partido contra ou a favor das maneiras como os imigrantes são acolhidos e evita trazer respostas prontas para as questões levantadas, mas efetivamente possibilita-lhes que expressem suas relações e inquietações com a sociedade quebequense. No documentário, são entrevistados quatro jovens imigrantes (Akos, Ruba, Farouk e Daniel) que foram às classes de francês preconizadas pela Lei 101 e relatam suas trajetórias de vida desde então. A grande pergunta é: depois de trinta anos de Lei 101, é possível afirmar que o aprendizado da língua francesa contribui para o imigrante encontrar um lugar na sociedade quebequense? Segundo esses quatro jovens, não. Falar perfeitamente o francês não assegura a inserção, nem mesmo os contatos mais próximos com a sociedade quebequense. Eles denunciam o racismo, o desemprego que atinge primeiramente certas comunidades de imigrantes – o último a ser empregado e o primeiro a ser demitido – e se interrogam sobre a realidade da integração. Uma das cenas mais instigantes do filme ocorre quando, em uma das salas de francês para imigrantes, pergunta-se aos estudantes se eles se sentem completamente integrados na sociedade e pede-se àqueles que responderam que sim que passem para um lado, e aos que acharam que não, que permaneçam onde estão. Durante a argumentação dos estudantes para justificar sua opção, um deles pergunta: “Alguém de vocês tem um amigo quebequense (francês)?”. Diante do silêncio que se impõe, a negativa surge como a confirmação de que, se o aprendizado da língua francesa é uma condição para a integração, é uma condição insuficiente, pois não assegura a equiparação no setor econômico nem a aceitação no plano das relações sociais e pessoais.

2 – *Adoration – Adoração* (2008), dirigido por Atom Egoyan, canadense nascido na cidade do Cairo e de origem armênia. O filme é uma ficção que explora os usos das novas tecnologias e das comunidades virtuais da internet, por meio da atuação de um jovem que compartilha com seus “ciberamigos” as circunstâncias e consequências de uma tragédia que pode mesmo nem ter acontecido. Interessa aqui chamar a atenção para a tragédia: a morte dos pais do jovem e a acusação do avô de sua participação em movimentos terroristas, pelo fato de seu pai ser de origem palestina, assim como a professora que o estimula a dramatizar fatos – reais ou imaginários – de sua vida no sentido de encontrar a verdade sobre a trajetória de seus pais. Que verdade? As possíveis mentiras que já se cristalizaram como verdades? Uma verdade que, para o jovem, passa pelo conhecimento de si

mesmo, do lugar que ocupa no mundo, da legitimidade de suas origens, de seu passado familiar. Para além de toda discussão sobre a constituição da identidade desse adolescente, sobre as relações interpessoais mediadas pelas tecnologias da comunicação, interessa a referência à construção de uma identidade atravessada pelos discursos antiterroristas, pelas ideias de “choques culturais” entre Oriente e Ocidente, nos quais o indivíduo não ocidental representa o estranho, o perigo, o terror. As considerações sobre as origens, a determinação do jovem em descobrir quem era realmente seu pai – inocente ou culpado? – expõem as fraturas sociais existentes, em particular quando se trata de discursos em que o terrorismo e o conflito Oriente/Ocidente permeiam as buscas de uma verdade pessoal (e social) que ninguém sabe exatamente onde está. Durante boa parte do filme, essa busca ocorre por meio de interlocuções que se dão no ciberespaço e que se revelam como sintomas de um certo mal-estar presente nas sociedades “desenvolvidas”. E que mostram aspectos da tolerância (ou da intolerância) multiculturalista e dos problemas de convivência com a alteridade, que as sociedades ocidentais têm de enfrentar e não sabem muito bem como. Ou não querem. Enfim, o filme coloca em cena questões que estão longe de ser resolvidas. Esse filme ganhou o prêmio do Júri Ecumênico no Festival de Cannes (2008).

3) – *Heaven on Earth* (2008), dirigido pela indiana radicada no Canadá, Deepa Mehta. Em *Heaven on Earth* (O céu na terra), a protagonista, When Chand, deixa a família que amava e a Índia, seu país de origem, para se dedicar a um casamento arranjado com um jovem de uma tradicional família, também indiana, que vive em Brampton, Ontário. Espera-se que a vida no Norte rico e desenvolvido seja melhor, ao menos em termos materiais, do que no país de origem. O céu esperado torna-se inferno, pelos abusos, ciúmes, mesquinhas, pelas pequenas e grandes sabotagens familiares, e pelo poder inquestionável do marido, que a submete às suas alterações de humor. A bem-intencionada esposa só quer ser amada, aceita pelo marido e sua família, mas cedo aprende que o lugar que lhe cabe na vida, na nova família e na sociedade é o lugar permitido ou determinado pelo marido. Qualquer tentativa de insubmissão é duramente punida. O foco principal da diretora são os processos de abuso contra mulheres, que as levam para os limites da razão e as fazem recorrer à imaginação e ao devaneio como forma de fugir da realidade. Em busca de seu amor, When Chand tenta valer-se tanto de “poções” amorosas (simpatias) e finalmente refugiar-se na lenda do Cobra, personagem mítico da

cultura indiana, e que em seu devaneio toma a forma física de seu marido, agora amoroso, e com quem mantém uma relação surreal. Cada vez mais, a protagonista submerge em uma fantasia contrastante com o real vivido e que ameniza os confrontos inevitáveis entre ela e o marido.

Ainda que centrado no contexto familiar, que tem o agravante de ser um lar compartilhado com outros – que trabalham à noite e vêm durante o dia para descansar, numa espécie de revezamento doméstico –, o filme transborda para o social. Mostra o isolamento das mulheres, as famílias em guetos, as relações de trabalho em que as imigrantes indianas têm o contrato de trabalho mediado pelos maridos. Enfim, não há relação entre a vida desses imigrantes e a vida dos canadenses. O contato se resume à televisão. O filme de Mehta oferece a oportunidade de refletir sobre as expectativas de mulheres que buscam o caminho da imigração para uma vida que permita ampliar as possibilidades pessoais, ocupar um lugar no mundo que as façam se sentirem pessoas inteiras. Entretanto, a forma como essas famílias se organizam socialmente faz com que mantenham seus costumes de origem, aprendam com dificuldade e pobremente o novo idioma, vivam uma vida de restrições e a milhas de distância de qualquer indicativo de inserção social. Ao mesmo tempo, a diretora não deixa de apontar, aqui e ali, traços de preconceitos contra grupos étnicos no Canadá. O filme pode ser lido, ao mesmo tempo, como um retrato das relações de classe, étnicas e de gênero e, ironicamente, pode ser entendido também como um contraponto aos programas e propagandas sobre o multiculturalismo no Canadá.

## **Algumas reflexões**

As análises dessas produções culturais se prestam, aqui, a atuar como emblemas das formas como as sociedades se organizam e administram a questão das diferenças e desigualdades no seu interior. Assim, não podem ser dissociadas ou indiferentes às relações de poder existentes nas sociedades, poder que não se verifica apenas no sentido político estrito do termo, mas que se estende às relações entre classes, de gênero, étnicas e outras. Ou seja, esse poder simbólico é aqui considerado na perspectiva de Bourdieu, para quem é na esfera da produção simbólica que se atribuem lugares sociais aos diferentes atores sociais e se criam imagens a seu respeito.

Nessa perspectiva, podem-se considerar as cinematografias nacionais como sendo, também, representantes das reflexões sobre as culturas e os elementos fundamentais para a compreensão das sociedades e de seus valores. Segundo Bakhtin (1979), é o exterior (a cultura, a sociedade, o mundo) que organiza o interior (os discursos) e, nessa perspectiva, as narrativas audiovisuais podem muito bem ser consideradas como um retrato da sociedade que as produz. A produção audiovisual é também indicativa das referências e dos modelos apresentados aos distintos segmentos da população como elementos para identificação ou diferenciação. Além do mais, no campo da produção simbólica, qualquer manifestação pode gerar debates e operar como um importante processo de dinamização cultural e contribuir para políticas mais democráticas no plano da organização social, das comunicações e da disseminação de ideias e representações.

Entretanto, é forçoso reconhecer que as produções audiovisuais operam a partir de políticas de visibilidade que têm a capacidade de atribuir aos diferentes atores sociais, individuais ou coletivos, valores simbólicos e relevância social que lhes outorgam reconhecimento e legitimidade. Ou seja, as políticas de visibilidade são, simultaneamente, políticas de invisibilidade, na medida em que os modos de produção, distribuição e circulação de produtos audiovisuais dirigem e educam os olhares para que as escolhas pessoais recaiam sobre certos tipos de produto, planejados para facilitar identificações e referências desejáveis do ponto de vista da manutenção da ordem e das hierarquias sociais, excluindo os demais. As políticas de representação, as formas como determinados segmentos sociais são mostrados na mídia são indicadores relevantes para a compreensão do modo como a sociedade retrata, reconhece ou ignora seus diferentes membros e grupos, em um jogo de poder e de relação visibilidade/invisibilidade em que os grupos minoritários<sup>11</sup> são, com frequência, subrepresentados ou estereotipados. No Canadá, várias pesquisas indicam que os grupos étnicos estão subrepresentados e sofrem com a disseminação de estereótipos ou com representações inadequadas ou essencialistas.

A análise desses três filmes nos mostra que há um certo cinema canadense ocupado com as realidades vividas cotidianamente pelos distintos grupos étnicos. Mostra também a insuficiência das políticas oficiais de implementação de um multiculturalismo (Canadá) ou interculturalismo (Quebec). Simultaneamente, aponta a cultura, os costumes, os valores e as formas de atribuir significado às diferentes práticas como um dos lugares prioritários em que essas lutas se travam. Se é no

campo da produção e da reprodução cultural que essas ideias sobre as hierarquias sociais se sedimentam, nesses três filmes puderam ser observadas ao menos quatro: religiosa, étnica, econômica e de gênero. Algumas se relacionam ao pensamento colonial, com todo o extenso leque de práticas e conceitos a respeito dos povos subalternos, aos Outros em relação ao indivíduo ocidental, branco, masculino e do hemisfério norte. Outras reproduzem essas desigualdades gerando um acúmulo de subordinações em que o pior dos mundos está reservado à mulher, pobre, subdesenvolvida.

A adoção de políticas que visam à integração de grupos de imigrantes esbarra na existência de comunidades capazes de viver em sistemas mais ou menos fechados e que, graças às novas tecnologias, ainda mantêm fortes laços com as comunidades de origem. Paralelamente, parece que as políticas oficiais têm se mostrado insuficientes para impedir o fechamento de famílias inteiras em guetos culturais e econômicos que, ao mesmo tempo que criam mecanismos de sobrevivência, protegem as “tradições” do contágio com a ocidentalização dos costumes, em particular no que se refere à condição feminina. Criam-se nesses espaços sub-culturais que se relacionam de maneira mais ou menos harmônica com a cultura dominante, uma vez que se mantêm afastadas de uma convivência cotidiana mais próxima. De forma equivalente, pode-se tentar inibir formas ostensivas e explícitas de racismo e de discriminação, como no caso das políticas econômicas excludentes que penalizam especialmente os grupos “racisados”, mas não se pode obrigar a uma convivência pessoal, afetiva.

Quanto às possibilidades de efetivação de um interculturalismo, a intenção parece ainda distante da realidade, uma vez que a prática da interculturalidade pressupõe uma troca em que a cultura das sociedades de acolhimento pode e será inevitavelmente transformada pelo intercâmbio equilibrado entre as diferentes culturas, mas parece que não há uma disposição generalizada nesse sentido. Talvez o que se articule seja, de fato, um inconfesso desejo de aculturação, ou adoção, pelos grupos étnicos imigrantes, da cultura hegemônica. A interculturalidade real desafia os processos oficiais de implementação, na medida em que implica processos de construção de conhecimentos outros, que emergem a partir da própria experimentação da diferença, em permanente desafio às normas dominantes. Não pode, portanto, ser introduzida pelas políticas oficiais. Por outro lado, o investimento na diferença cultural corre o risco de substituir raça por cultura nos discursos da

exclusão, a prevalecerem as perspectivas que identificam cultura com fundamentos profundos e imutáveis e, conseqüentemente, com fundamentalismos de todos os tipos. Esta é uma proposta para novos estudos.

**Abstract:** This paper's aim is to contribute on the overall understanding of the possible effectiveness of canadian multi and intercultural public policies related to the visibility and social inclusion of different ethnic groups. The analysis is centered on the role played by the media, particularly cinema. Theoretically, cultural productions are conceived as complex processes that can't be separated from the power relationships of a given society and their impact on the public goes beyond immediate reception and act as very important symbolic references of contemporary societies. In order to fulfill the proposed goal the following movie pictures were analyzed: *Generation 101*, from Claude Godbout; *Adoration*, from Athom Egoyan; and *Heaven on Earth* from Deepa Mehta.

**Keywords:** canadian society; cultural production; ethnic minorities

**Résumé:** Cette recherche a le but de contribuer pour la compréhension de l'efficacité et/ou difficultés d'implémentation des politiques officielles de multiculturalisme et d'interculturalisme au Canada. On considère que les études de la culture sont un bon point de vue pour vérifier comment ces processus d'inclusion/exclusion sociale se réalisent, étant donné que le concept même d'interculturalisme suppose le partage des expériences culturelles diverses. Les productions culturelles sont vues dans cet article comme des processus complexes qui ne peuvent pas être éloignés des rapports de pouvoir dans une certaine société et dont l'effet sur le public est au-delà de la réception immédiate, en devenant des références symboliques importantes dans les sociétés contemporaines. Pour atteindre les objectifs proposés on a analysé les films *Génération 101*, de Claude Godbout; *Adoration*, de Athom Egoyan; et *Heaven on Earth*, de Deepa Mehta.

**Mots-clés:** société canadienne; production culturelle; minorités ethniques.

## Notas

<sup>1</sup> Investigação realizada em Montreal, entre setembro e outubro de 2008, graças à bolsa de pesquisa concedida pela Embaixada do Canadá.

<sup>2</sup> Desses filmes, apenas o *Adoration*, de Athom Egoyan, foi lançado no Brasil.

- <sup>3</sup> Para Zizek (2007), um ácido crítico do multiculturalismo, este seria “a forma ideal do capitalismo global”, ao conceber todas e cada uma das culturas locais como coisas do Outro, que se há de conhecer e respeitar, desde que cada um permaneça em seu espaço próprio, sem invadir as fronteiras sociais. É, em suma, a afirmação da própria superioridade do sujeito universal, para que todos os demais sejam Outros.
- <sup>4</sup> <<http://www.pratrimoinecanadien.gc.ca/progs/multi/inclusive>>. Acessado em 10/10/2008.
- <sup>5</sup> [...]sentiment d'appartenance. L'acceptation donne aux Canadiens un sentiment de sécurité et de confiance en soi qui les rend plus ouverts aux diverses cultures et plus tolérants envers celles-ci. La expérience canadienne a prouvé que le multiculturalisme encourage l'harmonie raciale et ethnique ainsi que la compréhension interculturelle. Et décourage la marginalisation, la haine, la discrimination et la violence...La diversité va au-delà de la langue, de l'appartenance ethnique, de la race et de la religion pour englober des caractéristiques générales telles que le sexe, l'orientation sexuelle, les capacités physiques et intellectuelles et l'âge. (tradução da autora)
- <sup>6</sup> Não é fácil adotar o ponto de vista que coloca os quebequenses franco-canadenses como minoria, pois este conceito não se atém exclusivamente à composição numérica de certos grupos, mas às diferenças de que são objeto, em algum momento histórico, de uma vulnerabilidade jurídico-política, social ou cultural. O raciocínio que liga minoria à sua expressão quantitativa não englobaria as mulheres, os negros no Brasil ou os índios em certos países da América Latina. No Quebec, a hegemonia pertence aos franco-canadenses.
- <sup>7</sup> *Fonder l'avenir: le tempos de la conciliation. Rapport Gérard Bouchard et Charles Taylor. Commission de consultation sur les pratiques d'accommodement reliées aux différences culturelles. Québec: Gouvernement du Québec, 2008.* A comissão trabalhou durante um ano e foram realizadas 13 pesquisas por grupos de pesquisadores provenientes das universidades quebequenses. Importante assinalar que não foi sem polêmica o recebimento público do relatório.
- <sup>8</sup> *Charte de la langue française*, ou Lei 101. Coloca o francês como a língua oficial do estado, assim como do trabalho, do ensino, dos meios de comunicação etc.
- <sup>9</sup> Criado em 1939, o Office National du Film é uma instituição que visa promover – fora do alcance dos padrões estéticos hollywoodianos – a produção cinematográfica canadense. Atualmente são financiados 100 filmes anualmente – 60 em língua inglesa e 40 em língua francesa, a maioria composta por documentários ou animações (muito bem estimuladas e desenvolvidas no Canadá). De acordo com informações colhidas na instituição, ela foi inicialmente concebida para atender interesses propagandistas do governo federal durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, rapidamente conseguiu diversificar suas produções e responder às necessidades de diversos órgãos governamentais – escolas, etc – e, nos anos 1950 e 1960, as das redes de televisão. Graças a uma política de produção independente, conseguiu permanecer fora do alcance da indústria cinematográfica hollywoodiana e dos ataques de grupos contrários às empresas estatais. A fidelidade aos objetivos de pesquisa e de experimentação permitiu que privilegiasse produções consideradas marginais no cinema: os documentários e os filmes de animação. Essa fidelidade conquistou personalidades marcantes, como McLaren, considerado um dos grandes mestres do cinema de animação. Sem querer entrar na história da ONF, pode-se afirmar que a instituição tem conseguido firmar-se como uma escola de cinema que permite a experimentação e a criatividade, independentemente da aprovação unicamente mercadológica.

- <sup>10</sup> Recentemente implementou um projeto chamado *studiomobile*: um ônibus equipado com um estúdio de gravação que possibilita a jovens de comunidades distantes dos grandes centros realizarem seus próprios filmes. Segundo a responsável pelo setor de Operações da ONF, Mme Michelle Beusekom, esse ônibus estaria, naquele momento (outubro de 2008), realizando experimentações no Brasil.
- <sup>11</sup> É importante ressaltar que a referência a grupos minoritários não se restringe a minorias numéricas, pois abrange também grandes contingentes populacionais que são tratados de maneira discriminatória.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BOUCHARD, G.; TAYLOR, C. *Fonder l'avenir: Le temps de la conciliation*. Rapport. Québec. Gouvernement du Québec, 2008.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- HALL, S. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In: THOMPSON, K. *Media and a cultural regulation*. London: Sage publications, 1997.
- LORITE, N. G. *Tratamiento informativo de la inmigración en España: 2002*. Barcelona: INMERSO, 2003.
- MAHTANI, M. *La représentation des minorités: les médias canadiens et identité des groupes minoritaires*. Disponível em: [www.metropolis.net](http://www.metropolis.net). Acesso em: 20/10/2008.
- MARTINEZ, A. *Democracia audiovisual: uma proposta de articulação regional para o desenvolvimento*. São Paulo: Escrituras ed., 2005.
- MENDONÇA, M.L.M. *Os festivais de cinema como possibilidades de dinamização cultural*. Brasília: Colóquio Brasil-Espanha, agosto 2008.
- PAIVA, R.; BARBALHO, A. *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.
- RESCH, Y. (org.) *Définir l'intégration? Perspectives nationales et représentations symboliques*. Montreal: XYZ Ed., 2001.
- SANTAOLALLA, I. *Los "otros": etnicidad y raza en el cine español contemporáneo*. Zaragoza: prensas universitarias de Zaragoza, 2005.
- SMYTH, H. The Mohawk warrior: reappropriating the colonial stereotype. *Canadian Journal of Cultural Studies*, Topia, Number 3, Spring, 2000.
- STAM, R.; SHOHAT, E. *Multiculturalismo, cine y medios de comunicación*. Barcelona: Paidós, 2002.

THOMPSON, K. *Media and cultural regulation*. London: Sage publications, 1997.

WALSH, C.; MIGNOLO, W. *Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento otro desde la diferencia colonial*. Buenos Aires: Ed. del signo, 2006.

ZIZEK, Slavoj. *En defensa de la intolerancia*. Madrid: Sequitur, 2007.

### **Referências eletrônicas**

CANADIAN Heritage / PATRIMOINE Canadien. Disponível em: <<http://www.patrimoinecanadien.gc.ca>>. Acesso em: 10 out. 2008.

METROPOLIS. Disponível em: <<http://www.metropolis.net>>. Acesso em : 10 out. 2008.

ONF Visionnez Maintenant. Disponível em: <<http://www.onf.ca>>. Acesso em: 10 out. 2008.